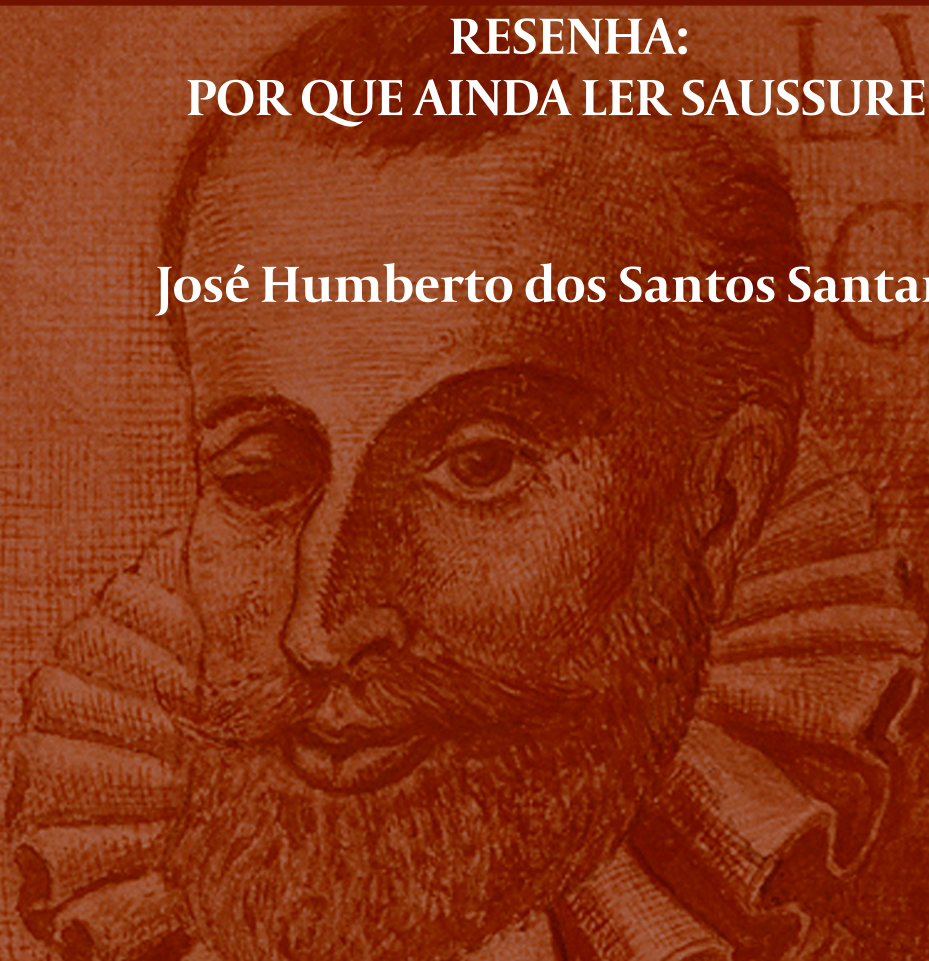


Vol. 01, **Nº 02** (2024)
ISSN: 2966-0130

REVISTA FIOS DE **LETRAS**

RESENHA:
POR QUE AINDA LER SAUSSURE?

José Humberto dos Santos Santana



POR QUE AINDA LER SAUSSURE?

2

WHY STILL READ SAUSSURE?

José Humberto dos Santos Santana¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6939-1415>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3190279705494282>

Resenha de:

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013].

RESUMO: A coletânea *Saussure: a invenção da Linguística*, organizada por José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (três renomados linguistas brasileiros), oferece um panorama das pesquisas brasileiras que investigam se as ideias de Ferdinand de Saussure são essenciais para os estudos linguísticos da atualidade. Os onze capítulos que compõem a coletânea buscam demonstrar que o pensamento Saussuriano permanece relevante. Para tanto, os autores reveem, sob diferentes perspectivas, temas e conceitos estabelecidos por Saussure, como língua, fala, signo linguístico, significante, significado, sincronia, diacronia e Semiologia. Para revê-los, cada autor adotou, como *corpus* de pesquisa, os textos que melhor discutem o tema ou o conceito sob análise. Ao defender que o pensamento saussuriano continua relevante, os autores se unem a pesquisadores que não reduzem as ideias de Saussure a pares dicotômicos e ao estudo estruturalista da forma.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure. Invenção da Linguística. Retorno a Saussure. *Corpus* saussuriano. Linguística Geral.

ABSTRACT: The collection *Saussure: the invention of Linguistics*, edited by José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores and Leci Borges Barbisan (three renowned Brazilian linguists), offers an overview of Brazilian research that investigates whether Ferdinand de Saussure's ideas are essential for current linguistic studies. The eleven chapters that make up the collection seek to demonstrate that Saussure's thought remains relevant. To this end, the authors review, from different perspectives, themes and concepts established by Saussure, such as language, speech, linguistic sign, signifier, signified, synchrony, diachrony and Semiology. To review them, each author adopted, as a research corpus, the texts that best discuss the theme or concept under analysis. In arguing that Saussure's thought remains relevant, the authors join researchers who do not reduce Saussure's ideas to dichotomous pairs and the structuralist study of form.

KEYWORDS: Saussure. Invention of Linguistics. Return to Saussure. Saussure's corpus. General Linguistics.

¹ Estudante do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Licenciado em Letras Português (2016) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professor efetivo da Rede Pública Estadual de Ensino de Alagoas. E-mail: humbertosantana88@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6939-1415>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3190279705494282>

Obra de finado. Escrevia-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse contúbio.

Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião [...] A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*

Os estudos saussurianos contemporâneos têm defendido que o pensamento de *Ferdinand de Saussure* (1857-1913), o criador da ciência da linguagem, *permanece relevante*. Os onze capítulos que compõem a coletânea “Saussure: a invenção da Linguística” (Figura 1), organizada por José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan, buscam reforçar essa tese. Os autores desejam “[...] mostrar que o texto saussuriano ainda aponta caminhos, abre sendas e veredas, permite descortinar horizontes” (Fiorin; Flores; Barbisan, 2023, p. 10). Para tanto, reveem temas e conceitos estabelecidos por Saussure. Para revê-los, cada autor adotou, como *corpus* de pesquisa, os textos que melhor discutem o tema ou o conceito sob análise. Com esse procedimento, desviaram-se da discussão acerca da autenticidade das fontes e preservaram o lugar fundador do *Curso de Linguística Geral* (CLG) (1916), a primeira grande fonte de pesquisa do pensamento saussuriano (Fiorin; Flores; Barbisan, 2023). Tal desvio se justifica, segundo os organizadores, porque

[...] uma discussão dicotomizada entre o *verdadeiro Saussure* e o *falso Saussure* perde relevância quando se tem claro que se está frente a um *corpus* heterogeneamente formado: uma carta pessoal não pode ser equiparada a uma carta profissional; uma nota manuscrita encontrada postumamente não tem o mesmo valor que um texto estabelecido em função de anotações de alunos feitas a partir de aulas. São fontes diferentes e devem ser usadas para fins científicos distintos, obedecendo a critérios pontuais (Fiorin; Flores; Barbisan, 2023, p. 17, grifos dos autores).



Figura 1. Capa do livro *Saussure: a invenção da Linguística*
Fonte: extraída do site Biblioteca Virtual²

O primeiro capítulo, de autoria de Cristina Altman, revê documentos referentes aos três cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911, para responder à seguinte pergunta: “[...] como Saussure teria percebido a si e às suas ideias em relação àqueles que o antecederam na cronologia da disciplina Linguística: como continuador, crítico, renovador?” (Altman, 2023, p. 22). A revisão evidencia que

Não fossem as críticas feitas nos cursos orais aos neogramáticos, flagradas aqui e ali nas anotações de seus alunos, principalmente aquelas relativas aos fundamentos da disciplina linguística, poderíamos interpretar Saussure como tendo feito uso da história em proveito das suas próprias ideias (Altman, 2023, p. 30).

O segundo capítulo, de Marcio Alexandre Cruz, investiga a relação entre língua e história em Saussure. Para tanto, adota-se, como *corpus* de análise, o CLG e os “Escritos de Linguística Geral” (ELG). Os resultados mostram que: a) “a sincronia em Saussure não remete a um domínio desprovido de historicidade, mas, antes, que se trata aí de uma dimensão radicalmente histórica” (Cruz, 2023, p. 42); b) a separação entre sincronia e diacronia não remete à separação entre um domínio a-histórico e um domínio histórico, “mas, antes, à separação de duas ordens de estudo que se

² Disponível em: <https://www.bvirtual.com.br/NossoAcervo/Publicacao/4138>. Acesso em: 25 abr. 2024.

ocupam de objetos distintos” (p. 42): a sincronia “estuda a língua do ponto de vista do sujeito falante” (p. 42), e a “diacronia trata da evolução dos sons reduzidos a seu aspecto físico” (p. 42); e c) o CLG permite refutar a tese de que Saussure teria excluído dos estudos linguísticos a história. Esses resultados, segundo o autor, contribuem para a desconstrução da “[...] representação de um Saussure que teria fundado a ciência da linguagem ao preço da exclusão de uma série de elementos” (p. 42).

O terceiro capítulo, de Eliane Silveira, objetiva identificar, por meio da análise de trechos do CLG e de dois manuscritos produzidos na última década do século XIX, o lugar do conceito de fala na produção de Saussure. Os resultados apontam que tal conceito está no centro das preocupações de Saussure, “determinantemente interligado aos outros conceitos e bastante ancorado na concepção de fala do século XIX” (Silveira, 2023, p. 55-56). Tais resultados contestam a tese de que “Saussure excluiu a fala do escopo da Linguística por ele construída” (Silveira, 2023, p. 45).

O quarto capítulo, de Hozanete Lima, interpreta três metáforas empregadas por Saussure no CLG, a saber: a) a do jogo de xadrez, b) a da moeda e c) a do signo linguístico, entidade psíquica de duas faces. À primeira, segundo a autora, subjaz “o movimento de apreensão da língua em seu aspecto sincrônico” (Lima, 2023, p. 64). Assim como, “numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes” (Saussure, 2006, p. 105), para estar na língua como um real falante, não é necessário que um indivíduo saiba como se comportou a língua há cinquenta anos (Lima, 2023, p. 64). A segunda refere-se ao princípio do valor e ao funcionamento dos eixos paradigmático e sintagmático. *O valor*, de acordo com Lima (2023), consolida a concepção de língua como um sistema de signos determinados por aquilo que os rodeia (Saussure, 2006) — um signo é “[...] o que os outros não são” (Saussure, 2006, p. 136) — e impede a inserção, na Linguística, de uma formalização embasada em uma teoria representacionista da língua: para Saussure, a língua não é “[...] uma nomenclatura, em que cada item está relacionado com um significado” (Fiorin, 2023, p. 104); e *o funcionamento dos eixos* revela que os signos — cujos valores são determinados por suas relações com outros valores semelhantes e dissemelhantes (Saussure, 2006) — não só se alinham um após o outro na cadeia da fala — num sintagma, um signo “[...] só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos” (Saussure, 2006, p. 142) —, mas também rolam uns sobre os outros: as relações associativas não se apresentam em número definido nem numa ordem determinada (Saussure, 2006). A terceira metáfora, por seu turno, é empregada para facilitar a compreensão de que o signo linguístico une um conceito (significado) e uma imagem acústica (significante), e não uma coisa e uma palavra (Saussure, 2006, p. 80). Essa concepção de signo é

constantemente usada para acusar Saussure de não ter dado atenção ao fato de que a relação entre significante e significado é histórica, contextualizada, socialmente realizada através da dialogicidade de sujeitos (Lima, 2023). Essa acusação, segundo Lima (2023), não se sustenta, pois o sujeito

[...] pululava em toda a obra saussuriana: como exemplo, podemos tomar o funcionamento dos eixos associativo e paradigmático, já que deveria haver pelo menos “um” [sujeito] que reconhecesse a “diferença” e a “semelhança” neles constitutivas. Caso contrário, a língua, enquanto sistema, correria o estranho risco de funcionar sozinha. Não somos ingênuos a ponto de acreditar que Saussure pensasse dessa maneira (Lima, 2023, p. 67).

O quinto capítulo, de Valdir do Nascimento Flores, objetiva mostrar, especialmente a nós, jovens linguistas, “[...] como o fundador da Linguística contemporânea pensou seu ofício” (Flores, 2023, p. 72). Em outras palavras: busca responder às seguintes perguntas: “[...] como Saussure caracterizou o *fazer* do linguista? Quais tarefas reservou-lhe? Que problemas supôs que deveria resolver?” (Flores, 2023, p. 72, grifo do autor). Para responder a tais perguntas, o autor analisa o conceito de analogia, tema frequente nas reflexões de Saussure. Ele selecionou esse tema porque acredita que “o estudo das análises linguísticas de Saussure podem ser uma forma — talvez a mais importante — de *mostrar ao linguista o que ele faz*” (Flores, 2023, p. 72). Essa crença está ancorada na hipótese de que “[...] aquilo que Saussure atribuiria ao *fazer* do linguista deveria ser constitutivo de seu (de Saussure) próprio *fazer como linguista*” (Flores, 2023, p. 72, grifos do autor). A análise do referido conceito permite ao autor afirmar que, do ponto de vista de Saussure, “[...] ao linguista cabe a difícil tarefa de dar a ver o conhecimento que o falante tem de sua língua” (Flores, 2023, p. 83). Essa afirmação pode surpreender os linguistas estruturalistas, mas é confirmada por outros analistas da obra de Saussure. Normand (2009, p. 47 *apud* Flores, 2023, p. 83-84, grifos de Flores), por exemplo, afirma que, da perspectiva de Saussure, “a *tarefa designada ao linguista* é a de se situar na língua, como um locutor qualquer, mas para poder aí explicitar o mecanismo ignorado pela ‘massa falante’”. Com base nessas afirmações, Flores conclui que, quando analisa fenômenos linguísticos muito específicos, Saussure “[...] coloca em relevo o sujeito falante em relação com a língua, com o conjunto de formas lexicais e gramaticais cuja realização é sempre uma potencialidade de uso irrefletido de cada locutor” (Flores, 2023, p. 83).

O sexto capítulo, de Maria Fausta Pereira de Castro, discute o modo como Saussure teoriza o tempo em sua obra. Segundo a autora, Saussure considerava impossível estudar “simultaneamente um sistema de valores tomado em si (ou em

um momento) e os sistemas de valores no eixo do tempo” (Castro, 2023, p. 88). Para solucionar esse problema, ele dividiu a Linguística em duas ciências: a Sincrônica — “que estuda as relações tecidas entre termos coexistentes formando sistema, que rege a mesma consciência coletiva” (Castro, 2023, p. 88) — e a Diacrônica — “que se ocupa das relações entre termos sucessivos, ‘não percebidos pela mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si’” (Castro, 2023, p. 88). A autora afirma que a essa divisão subjaz a tese de que o tempo não é o “agente direto da mudança linguística” (Castro, 2023, p. 88), mas, sim, “os diferentes atos de linguagem” (Castro, 2023, p. 97) da massa falante. Para sustentar essa tese, Castro invoca o princípio da arbitrariedade do signo linguístico, proposto por Saussure. Tal princípio explica a imutabilidade e a mutabilidade do signo linguístico: por ser arbitrário, não há razão para o signo mudar e “nada impede que se estabeleça qualquer outra relação entre a matéria fônica e as ideias” (Castro, 2023, p. 91). Conforme a autora, Saussure sustenta essa hipótese com o seguinte argumento: a língua,

[...] situada, simultaneamente, na massa social e no tempo, ninguém lhe pode alterar nada e, de outro lado, a arbitrariedade de seus signos implica, teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e as ideias. Disso resulta que esses dois elementos unidos nos signos guardam sua própria vida, numa proporção desconhecida em qualquer outra parte, e que a língua se altera ou, melhor, evolui, sob a influência de todos os agentes que possam atingir quer os sons, quer os significados. Essa evolução é fatal; não há exemplo de uma língua que lhe resista (Saussure, 2006, p. 90-91).

O sétimo capítulo, de José Luiz Fiorin, apresenta os três postulados que fundamentam a Semiologia (ciência geral dos sistemas de signos) proposta por Saussure, a saber: *a*) o signo linguístico tem dupla face (“o significante e o significado estão intimamente unidos como o verso e o anverso de uma folha de papel” (Fiorin, 2023, p. 102)); *b*) o signo linguístico é arbitrário (“[...] o laço que une o significante ao significado é arbitrário” (Fiorin, 2023, p. 102), ou seja, imotivado); e *c*) o valor de um signo provém da diferença com outros signos (na língua, só há elementos negativos (Fiorin, 2023): ela “[...] não comporta nem ideias, nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema” (Saussure, 2006, 139)). Além disso, Fiorin compara o objeto de estudo da teoria saussuriana (a língua considerada em si mesma e por si mesma) com o da teoria de Hjelmslev (as diferentes semióticas), distingue uma semiótica de uma não semiótica, cita os diferentes tipos de semiótica postulados por Hjelmslev e descreve os dois projetos semiológicos franceses que se baseiam nos princípios saussurianos e hjelmslevianos, a saber: Semiologia da comunicação e Semiologia da significação.

O oitavo capítulo, de Maria Francisca Lier-DeVitto, demonstra a influência do pensamento de Saussure na teorização que norteia pesquisas sobre erros e sintomas na fala. Segundo a autora, a noção de língua proposta por Saussure permite distinguir erro de sintoma, logo contribui para a identificação das causas dos erros e das falas sintomáticas/patológicas. Os erros, por exemplo, decorrem “[...] da força do funcionamento da língua na fala, de um funcionamento que projeta o eixo metafórico (da substituição) na organização metonímica [sintagmática], que afeta a fala” (Lier-DeVitto, 2023, p. 123).

O nono capítulo, de Mônica Nóbrega e Raquel Basílio, visa destacar a contribuição de Saussure para a compreensão do signo linguístico. Para isso, analisa a relação entre o signo, a arbitrariedade, o sistema e a produção de valores. Além disso, o texto mostra a influência do legado saussuriano nos atuais estudos interacionistas sociodiscursivos construídos por Jean-Paul Bronckart e colaboradores. Com isso, as autoras conseguem demonstrar que o legado saussuriano a) ultrapassa os estudos estruturalistas e formais, b) não se limita à revisão de conceitos com base na comparação entre os diversos documentos que constituem o *corpus saussuriano* e c) contribui, conseqüentemente, “[...] para os constantes desenvolvimentos da nossa reflexão sobre a linguagem humana em todos os seus aspectos, funcionais e formais” (Nóbrega; Basílio, 2023, p. 145).

O décimo capítulo, de Carlos Piovezani, expõe o modo como Saussure foi interpretado por Michel Pêcheux, Régine Robin e Denise Maldidier para responder à seguinte questão: o *CLG* é, para a Análise do Discurso (AD) francesa, um ponto de partida ou uma obra a ser recusada? Além disso, apresenta as posições frequentemente assumidas por analistas do discurso brasileiros em relação ao pensamento saussuriano. De acordo com o autor, no Brasil, entre analistas do discurso iniciantes, geralmente “[...] se reitera a censura cristalizada às pretensas ‘exclusões’ promovidas por Saussure: ele ‘higieniza’ a língua e ‘exclui’ a fala, o sentido, o sujeito e a exterioridade...” (Piovezani, 2023, p. 157). Essa postura permite ao autor “[...] supor que os arautos [os ativistas, os militantes] de uma disciplina tendem, às vezes, a ser mais enfáticos que seus próprios precursores e principais protagonistas (Piovezani, 2023, p. 157). Os protagonistas da AD brasileira citados no texto são Eni Orlandi, Sírio Possenti e Fernanda Mussalim. A análise de textos escritos por eles evidencia que reconhecem os méritos de Saussure.

Por fim, o décimo primeiro capítulo, de Leci Borges Barbisan, demonstra, com base na noção de valor proposta por Saussure e na Teoria da Argumentação na Língua, concebida por Oswald Ducrot, que o signo linguístico, “[...] que se caracteriza por conter significação e por ter a capacidade de se relacionar com outros signos da

língua” (Barbisan, 2023, p. 165), prevê o discurso. Segundo a autora, “[...] o signo prevê o discurso porque já contém nele a propriedade de orientar para continuações possíveis (Ducrot, 1990), permitindo certa liberdade de combinações (Saussure, 1995: 172) ao locutor, que o emprega para interagir com outro locutor” (Barbisan, 2023, p. 169, grifos da autora). Por conter essa propriedade, “[...] o signo permite escolhas para a construção de sentidos possíveis [...] e consequentemente impede outras que não produzirão nem semelhanças, nem diferenças entre elas” (Barbisan, 2023, p. 169). Essa propriedade é ilustrada com este exemplo:

estudioso, portanto, aprovado

[...]

estudioso, no entanto, não aprovado

[...] C [aprovado] se apresenta como já incluído em A [estudioso]. O sentido de A, por isso, só pode ser entendido pelo fato de que conduz a C. Fora dessa relação, fora desse encadeamento, A e C não significam nada, não expressam pensamentos. Relacionados num mesmo encadeamento, A e C constituem uma ideia única. Não há, pois, passagem do sentido de um signo A para o sentido de um signo C; há, ao contrário, um sentido único construído pela relação entre A e C (Barbisan, 2023, p. 168, grifos meus).

1. Discussão

Ao defender que o pensamento saussuriano continua relevante, os autores da coletânea se unem a pesquisadores que não reduzem as ideias de Saussure a pares dicotômicos e ao estudo estruturalista da forma. Na Revista Leitura, do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGL/UFAL), há um [dossiê](#) composto por artigos escritos por pesquisadores brasileiros associados a esse grupo. Entre os 18 artigos que compõem o dossiê, destaco:

- a)** *Novo retorno a Saussure: algumas reflexões sobre a circulação indefinida do nome de Ferdinand de Saussure*, de Marcio Alexandre Cruz e Núbia Rabelo Bakker Faria;
- b)** *O “som” como figura vocal e o “som” como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem*, de Aline Vargas Stawinski;
- c)** *Saussure: a alguns passos da enunciação*, de Claudia Toldo e Débora Facin;
- d)** *Dos limites da redução do pensamento saussuriano ao movimento estruturalista*, de Daiane Neumann e Aroldo Garcia dos Anjos;
- e)** *A linguística saussuriana no Brasil no início do século XXI*, de Clemilton Lopes Pinheiro e Sílvio Luis da Silva;
- f)** *Pensando a tradução com Saussure: uma outra consideração da sincronia e da diacronia*, de Sara Luiza Hoff.

Esses artigos reforçam a tese defendida pela coletânea aqui apresentada: o pensamento de Saussure permanece essencial para os estudos linguísticos.

Apesar de ser defendida por todos os textos da coletânea, somente quatro buscaram validar a referida tese: a maioria objetiva reinterpretar os conceitos fundadores da Linguística moderna e homenagear o *mito*. As citações abaixo comprovam isso.

Este “Saussure: a invenção da linguística” destina-se a lembrar *essa efeméride* [o óbito de Saussure] (Fiorin; Flores; Barbisan, 2023, p. 7).

Este livro [...] testemunha a recepção de Saussure no Brasil e proclama sua atualidade para a Linguística de nosso país. Patenteia que Saussure não é um autor embolorado, mas que ele ainda tem coisas a nos ensinar. [...] *Essa é nossa homenagem ao mestre em seu centenário* (Fiorin; Flores; Barbisan, 2023, p. 10, grifos meus).

Só podemos afirmar que as ideias saussurianas permanecem essenciais se estudos constatarem que tais ideias continuam fundamentando teorias, modelos teóricos e pesquisas empíricas. Saussure continua norteando teorias, modelos teóricos e pesquisas empíricas?³ Sim, ele continua. O *oitavo*, o *nono*, o *décimo* e o *décimo primeiro* capítulo da coletânea comprovam isso. Com efeito, as ideias de Saussure influenciam estudos estruturalistas e funcionalistas contemporâneos. Para reforçar essa tese, comparo o Modelo de Redes (*Network Model*), proposto por Joan L. Bybee, Professora Emérita da Universidade do Novo México (EUA), com as *relações associativas* que ocorrem no eixo paradigmático da língua, descritas por Saussure no capítulo V da 2ª parte do *CLG*.

O Modelo de Redes está alinhado com a teoria da gramática baseada no uso, que postula que “a gramática é diretamente baseada na experiência linguística” (Bybee, 2016, p. 30). Esse modelo⁴ assume que as conexões lexicais “[...] se baseiam em compartilhamento de características semânticas, sonoras ou ambas” (Cristófaró Silva; Gomes, 2020, p. 29). Esse compartilhamento acarreta, segundo Cristófaró Silva e Gomes (2020, p. 29-30), a emergência de “generalizações denominadas de esquemas”. Há dois tipos de esquema: os orientados para a fonte (*source-oriented schemas*) e os orientados para o produto (*product-oriented schemas*). Cristófaró Silva e Gomes (2020, p. 30, grifos das autoras) os descrevem deste modo:

3 Os modelos teóricos são sistemas hipotético-dedutivos representantes da realidade. São elaborados quando há necessidade de encontrar relações entre teoria e dados empíricos (Souza Filho; Struchiner, 2021).

4 O aspecto mais inovador desse modelo “[...] é a hipótese de que palavras de alta frequência flexionadas regularmente são armazenadas no léxico, enquanto palavras regulares de baixa frequência são derivadas do léxico pela aplicação do esquema mais forte às formas básicas. Essa hipótese decorre da tese de que a força lexical varia de acordo com a frequência de uso” (Bybee, 1995, p. 450, tradução minha).

Os esquemas orientados para a fonte correspondem a generalizações entre palavras correspondentes às formas básica e derivada, como: a) formas verbais de um paradigma, como *canto, canta, cantam, cantava, cantavam* etc.; b) palavras relacionadas por processo de formação de novas palavras, como *livro, livrinho, livreiro, livraria* e *blog, bloguinho, blogueiro*. Os esquemas orientados para o produto são generalizações a partir de conjuntos de palavras complexas ou derivadas, resultando em relações morfológicas, como em *casas, livros, peras, cartas* etc., em que os itens lexicais compartilham a informação semântica de plural e a identidade de palavra terminada em fricativa. Um mesmo item lexical participa de diferentes esquemas. [...] Essa proposição fornece a vantagem de ser possível capturar relações morfológicas entre itens lexicais sem a necessidade de postular regras morfofonológicas *ad hoc*, uma vez que utiliza o mecanismo cognitivo básico da analogia. A organização lexical em redes é dinâmica, pois um mesmo item lexical participa de conexões com outros itens lexicais em função de diferentes características compartilhadas.

Agora, caro leitor, leia trechos da descrição das relações associativas, extraídos do CLG.

Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta, também, a natureza das relações que os unem em cada caso e cria, com isso, tantas séries associativas quantas relações diversas existam. Assim, em *enseignement, enseigner, enseignons* etc. (*ensino, ensinar, ensinemos*), há um elemento comum a todos os termos, o radical; todavia, a palavra *enseignement* (ou *ensino*) se pode achar implicada numa série baseada em outro elemento comum, o sufixo (cf. *enseignement, armement, changement* etc.; *ensinamento, armamento, desfiguramento* etc.); a associação pode se fundar também apenas na analogia dos significados (*ensino, instrução, aprendizagem, educação* etc.) ou, pelo contrário, na simples comunidade das imagens acústicas (por exemplo: *enseignement* e *justement*, ou *ensinamento* e *lento*). Por conseguinte, existe tanto comunidade dupla do sentido e da forma como comunidade de forma ou de sentido somente. Uma palavra qualquer pode sempre evocar tudo quanto seja suscetível de ser-lhe associado de uma maneira ou de outra (Saussure, 2006, p. 145-146, grifos do autor).

[...] os termos de uma família associativa não se apresentam nem em número definido nem numa ordem determinada. Se associarmos *desej-oso, calor-oso, medr-oso* etc., ser-nos-á impossível dizer antecipadamente qual será o número de palavras sugeridas pela memória ou a ordem em que aparecerão. Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida [...] (Saussure, 2006, p. 146, grifos do autor).

Como se vê, os grupos formados por associação mental, descritos por Saussure, são semelhantes aos esquemas propostos por Bybee (cf. Bybee, 1995). Tanto aos grupos

quanto aos esquemas está subjacente a tese de que “ocorrências de experiência linguística são categorizadas e combinadas com ocorrências semelhantes que foram previamente armazenadas como exemplares” (Bybee, 2016, 43). Saussure, portanto, propiciou a construção do Modelo de Redes. “Conseguir ver mais longe porque estava aos ombros de um gigante”, diria Bybee.

Saussure mostra ao linguista, seja estruturalista, seja gerativista, seja funcionalista, o que ele faz. O mestre genebrino “[...] está preocupado em proporcionar ao linguista a tomada de consciência de sua própria *atividade*, de seu fazer.” (Flores, 2023, p. 71, grifo do autor). (Re)ler Saussure é, portanto, obrigatório.

Referências

ALTMAN, Cristina. Sobre mitos e história: a visão retrospectiva de Saussure nos três Cursos de linguística geral. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 21-32.

BYBEE, Joan L. *Língua, uso e cognição*. Tradução: Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica: Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

BYBEE, Joan L. Regular morphology and the lexicon. *Language and Cognitive Processes*, v. 10, n. 5, p. 425-455, 1995. Disponível em: <https://www.unm.edu/~jbybee/downloads/Bybee1995RegMorph.pdf>. Acesso em: 29 maio 2024. doi: <https://doi.org/10.1080/01690969508407111>.

CASTRO, Maria Fausta Pereira de. Pequeno ensaio sobre o tempo na teorização saussuriana. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 87-98.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís; GOMES, Christina Abreu. Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares. In: GOMES, Christina Abreu (org.). *Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares: para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística*. São Paulo: Contexto, 2020. p. 13-36.

CRUZ, Marcio Alexandre. Uma contradição aparente em Saussure: o problema da relação língua-história. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 33-44.

CRUZ, Marcio Alexandre; FARIA, Núbia Rabelo Bakker. Novo retorno a Saussure: algumas reflexões sobre a circulação indefinida do nome de Ferdinand de

Saussure. *Revista Leitura, [S. l.]*, v. 1, n. 62, p. 2-12, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.2-12>. Acesso em: 29 maio 2024.

FIORIN, José Luiz. O projeto semiológico. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 99-111.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. Por que ainda ler Saussure? In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 7-20.

FLORES, Valdir do Nascimento. “Mostrar ao linguista o que ele faz”: as análises de Ferdinand de Saussure. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 71-85.

HOFF, Sara Luiza. Pensando a tradução com Saussure: uma outra consideração da sincronia e da diacronia. *Revista Leitura, [S. l.]*, v. 1, n. 62, p. 344-363, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.344-363>. Acesso em: 29 maio 2024.

LIER-DEVITTO, Maria Francisca. Efeitos do pensamento de Saussure na teorização sobre erros e sintomas na fala. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 113-134.

LIMA, Hozanete. O Curso de Linguística Geral e os manuscritos saussurianos: *unde exoriar?* In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 59-69.

NEUMANN, Daiane; GARCIA DOS ANJOS, Aroldo. Dos limites da redução do pensamento saussuriano ao movimento estruturalista. *Revista Leitura, [S. l.]*, v. 1, n. 62, p. 315-332, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.315-332>. Acesso em: 29 maio 2024.

NÓBREGA, Mônica; BASILIO, Raquel. A contribuição de Ferdinand de Saussure para a compreensão do signo linguístico. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 135-147.

PINHEIRO, Clemilton Lopes; DA SILVA, Sílvio Luis. A linguística saussuriana no Brasil no início do século XXI. *Revista Leitura, [S. l.]*, v. 1, n. 62, p. 333-343, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.333-343>. Acesso em: 29 maio 2024.

SANTANA, José Humberto dos Santos. Por que ainda ler Saussure?

PIOVEZANI, Carlos. Presenças do curso de linguística geral na análise do discurso. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 163-170.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Organização: Charles Bally, Albert Sechehaye; colaboração: Albert Riedlinger; tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SILVEIRA, Eliane. O lugar do conceito de fala na produção de Saussure. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2023 [2013]. p. 45-57.

SOUZA FILHO, Breno Augusto Bormann de; STRUCHINER, Cláudio José. Uma proposta teórico-metodológica para elaboração de modelos teóricos. *Cadernos Saúde Coletiva*, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 86-97, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X202129010180>. Acesso em: 29 maio 2024.

STAWINSKI, Aline Vargas. O “som” como figura vocal e o “som” como signo: considerações a partir da dupla essência da linguagem. *Revista Leitura*, [S. l.], v. 1, n. 62, p. 69-85, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.69-85>. Acesso em: 29 maio 2024.

TOLDO, Claudia; FACIN, Débora. Saussure: a alguns passos da enunciação. *Revista Leitura*, [S. l.], v. 1, n. 62, p. 296-314, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.296-314>. Acesso em: 29 maio 2024.

Submetido: 14/08/2024

Aceito: 06/09/2024

